AORN

ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

ANO IV • Nº9 • PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL • JANEIRO / MARÇO 1999

Fragata
D. Fernando II e Glória
Entrevista com o Comandante

Um privilégio para 3000 membros

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;

- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

  Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)
  Forte de S. João (Albufeira)
  Hotel Sol e Mar (Albufeira)
  Hotel Suiço-Atlântico (Lisboa)
  Aparthotel Auramar (Albufeira)
  Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)
  Hotel Mar à vista (Albufeira)
  Hotel Dom Fernando (Évora)
  Oleandro Country Club (Albufeira)
  Hotel São João (Funchal)
  Residencial Vila Recife (Albufeira)

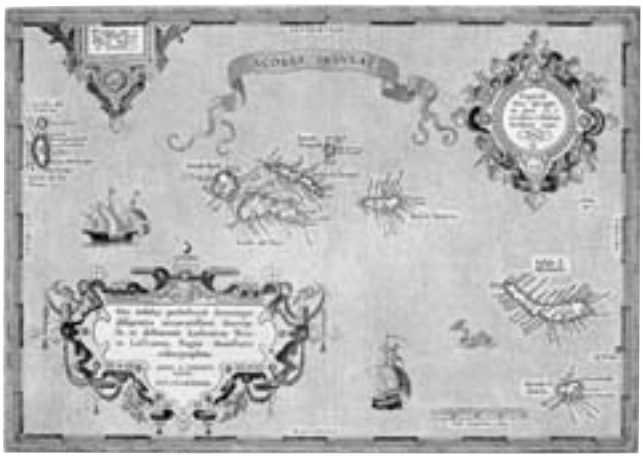
- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;

- Usufruir de condições especiais na Estalagem da Quinta de Santo António em Elvas.

- Acesso às consultas do Hospital de Marinha, a todos os associados da AORN, conjuges, ascendentes e descendentes que integrem o respectivo agregado familiar.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).

AORN



Uma saudação ao Núcleo da AORN dos Açores

Editorial

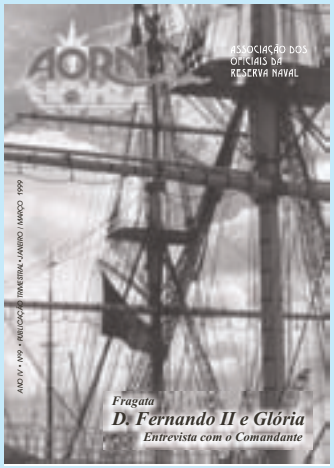
AORN
ASSOCIAÇÃO DOS OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

Publicação Trimestral da Associação dos Oficiais da Reserva Naval
Nº9 • Ano IV
Janeiro / Março de 1999

Administração e Redacção
Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300 Lisboa
Telefs.: 362 68 40 / 362 68 39 (Fax)

Design gráfico, maquetização e produção
M. LEMA SANTOS
Comunicação Gráfica, Lda.
Pçt.ª Alexandre Herculano, 4 C
2745-706 Massamá

Tiragem
3000 exemplares



A recente Assembleia Geral de sócios esquivou-se ao perfil habitual, sonolento e fastidioso, trazendo a lume, vivo e dinâmico debate em redor do artigo 5º, nº1, alínea a) dos Estatutos da Associação.

O hermetismo da sua sintaxe, a manter-se sem alterações, representa para lá de qualquer dúvida razoável, a extinção da AORN a prazo, esvaziando de conteúdo a quase totalidade dos artigos estatutários e contrariando o próprio espírito que presidiu à fundação da Associação.

A absurda conclusão, pela negação da perspectiva histórica de passado e futuro, indissociáveis, numa cultura de continuidade e evolução, sugere a revisão e alteração daquele artigo em duas vertentes distintas: a da admissibilidade de sócio e a da condição de voto.

O esforço actual da Medicina na conquista de acréscimos significativos de esperança média de vida, ainda que bem sucedida, não deverá alterar significativamente, em tempo, a inevitabilidade do desaparecimento físico do último ex-oficial da Reserva Naval e, consequentemente, do também último voto.

De acordo com os Estatutos actuais e nele próprio, claro!

Ainda que, no âmbito da admissibilidade de sócios, se alargue o conceito a ex-oficiais da Marinha de Guerra contratados, oficiais dos Quadros Permanentes na reserva, filhos de sócios, familiares de sócios falecidos, correspondentes, aderentes ou outros, aquele último sócio referido, ex-oficial da Reserva Naval, será sempre o último voto disponível na Associação, caso o acesso a esse conceito "voto" não fôr, também ele, reformulado.

A inaceitabilidade da absurda conclusão pode vir a tornar-se, ela própria, catalisadora de outras soluções, rasgando novas perspectivas em debates alargados, com soluções de consenso inovadoras.

Propostas, talvez brevemente...

Manuel Lema Santos
8º CEORN

O 5º CEORN

A 4 de Outubro de 1962, a Escola Naval acolhe o 5º CEORN, constituído por 46 Cadetes, sendo 20 da classe de Marinha, 12 da classe de Fuzileiros, 8 de Administração Naval, 5 Engenheiros Maquinistas e 1 da classe de Engenheiros Construtores Navais.

Pela 1ª vez foi incorporado um Cadete na nova classe de Engenheiros Construtores Navais e, também pela 1ª vez, um curso da Reserva Naval não alistou nenhum médico.

Era, à data, Director e 1º comandante da Escola, o ***Comodoro*** **Laurindo Henriques dos Santos** sendo director de Instrução o ***CTEN*** **Paulo Belmarço da Costa Santos**.

Embora na prática, muitos RN de cursos anteriores se mantivessem ao serviço, para além de um ano após a promoção ao posto de Aspirante, por força da nomeação para o comando de Lanchas de fiscalização ou para as guarnições das Companhias e Destacamentos de Fuzileiros, em África, só em 14 de Maio de 1962 foi superiormente emitida a Directiva do Estado Maior determinando que os *"cadetes seriam licenciados depois de cumprirem o serviço mínimo legal na*

O 5º CEORN com o Comandante Artur Manuel Coral Costa

1- Comandante Artur Coral Costa
2- Adelino Muñoz de Almeida
3- Pedro Ferreira Pinto
4- Duarte Drummond Esmeraldo
5- Alberto Pereira Marques
6- Jaime Garcia Bentes
7- Victor Elias Baptista
8- Fernando Tavares Farinha
9- Luís Penedo
10- Francisco Cunha Lucas
11- Manuel Reis de Assunção
12- Luís Albergaria Âmbar
13- Pedro Pinto da Silva
14- António Sousa Santos
15- Inocêncio Mourato
16- Abel Machado de Oliveira
17- Ângelo Fonseca Ribeiro
18- Luís Araújo Frias
19- Godofredo Marques dos Reis
20- Rui Rio Coles
21- Fernando Alves Serra
22- Jorge dos Santos Martins
23- Adalberto Mesquita
24- João Carvalho Carreira
25- João Malheiro Araújo
26- António Machado Lopes
27- João Nunes da Fonseca
28- Luís Silveira
29- Carlos Rodrigues
30- José Sampaio Cabral
31- Francisco Ferreira da Silva
32- José Mesquita Barbas
33- Eduardo Medeiros
34- Carlos Mendes Uva
35- Óscar Socorro Monteiro
36- Emídio Serrano
37- Manuel Corrêa de Barros
38- Augusto Machado
39- Eduardo Tavares da Costa
40- António Salgado Soares
41- José Luís Couceiro
42- Manuel Gomes de Vallera
43- Bernardino Oliveira
44- Manuel Sales Grade
45- Emídio Simões
46- Fernando Baltazar
47- José Tomé de Carvalho

Jorge dos Santos Martins

Fernando Alves Serra e Vitor Elias Baptista na "Diogo Cão" com o 1º Ten Raul Janes Semedo

Fernando Alves Serra e Manuel Assunção no Caça Minas "Santa Maria"

Armada como Aspirantes a Oficial, se as necessidades de defesa nacional não exigissem maior extensão desse serviço".

E, no final de 1962, encontravam-se na efectividade de serviço 80 Oficiais da Reserva Naval, sendo 11 com o posto de 2º Tenente e 41 com o posto de Sub-Tenente, o que significa que 65% dos Oficiais RN prestavam serviço efectivo há mais de um ano.

O 5º CEORN adoptou como patrono o ***Capitão Tenente*** **Oliveira e Carmo**, Oficial da Armada que em 18 de Dezembro de 1961, então com o posto de 2º Tenente e no comando da Lancha de Fiscalização "VEGA", travou no mar da Índia um combate desigual com a aviação da União Indiana, quando esta invadiu o território português do Estado da Índia, resultando a sua morte em combate e tornando-se, este Oficial, uma legenda heróica da História da Marinha de Guerra Portuguesa.

1962 é o ano da incorporação no efectivo dos navios da Armada, do novo Navio Escola "Sagres" (em 8 de Fevereiro), tendo entrado pela primeira vez no porto de Lisboa em 23 de Junho, depois de uma viagem iniciada no Rio de Janeiro, em 25 de Abril desse ano.

Foi seu primeiro comandante, o então ***CTEN*** **Henrique Afonso da Silva Horta**.

Ainda com o 5º CEORN na fase de instrução, verificou-se a 3 de Abril de 1963 o incêndio da ***Fragata*** **"D. Fernando II e Glória"**, fundeada no Mar da Palha e que aí tinha a funcionar uma obra social de formação de futuros marinheiros.

Este navio viria a ser recuperado trinta e cinco anos mais tarde, e novamente reintegrado no efectivo dos navios da Armada, em 1998, sendo actualmente uma Unidade Museu.

A viagem de instrução realizou-se na Fragata Diogo Cão, sob o comando do ***CFR*** **Henrique Mateus da Silveira Borges**, tocando os portos da Madeira e dos Açores.

Em 21 de Abril de 1963, foram os 46 cadetes promovidos ao posto de Aspirante

Pedro Ferreira Pinto e Fernando Alves Serra na "Diogo Cão"

O Cte Artur Manuel Coral Costa, que acompanhou o 5º CEORN na viagem de instrução, em substituição do Director de Instrução.

Adalberto dos Santos Mesquita

Manuel Assunção

Victor Elias Baptista

iniciando o período de serviço nas diversas Unidades. Na cerimónia do respectivo juramento de bandeira, após conclusão do curso, foi entregue o prémio Reserva Naval ao ***Cadete EMQ*** **Adalberto dos Santos Mesquita** por ter sido o aluno mais classificado no conjunto da média de frequência escolar e da classificação de carácter militar.

O aumento de unidades operacionais nos cenários das bacias hidrográficas ultramarinas originou a mobilização de mais oficiais da Reserva Naval, de entre eles **Duarte Drummond Esmeraldo, Godofredo Marques dos Reis, Alberto Pereira Marques** e **Fernando Tavares Farinha** do 5º CEORN, assumindo as funções de Oficiais Imediatos das novas LFG's, respectivamente "ARGOS", "DRAGÃO", "PÉGASO" e "ESCORPIÃO".

Em Angola, **Manuel Reis da Assunção** e **Victor Elias Baptista** assumiram o Comando das LFP's "RÉGULUS" e "RIGEL", em comissão de serviço nas águas do rio Zaire.

1963 é ainda o ano do início da luta armada na Guiné, com o ataque do PAIGC ao quartel do Destacamento Militar de Tite (em 23 de Janeiro).

Sucedem-se as mobilizações dos componentes deste 5º CEORN, nomeadamente **Abel Fernando Machado de Oliveira**, que na Guiné, integrado no destacamento de Fuzileiros Especiais nº8, viria a ser o primeiro oficial na história da Reserva Naval a ser condecorado com a ***Medalha de Cruz de Guerra de 3ª classe***, conforme publicação da O.A. - 1ª série, nº 33 de 15-7-64. **Abel de Oliveira** frequentou o curso de especialização em Fuzileiro Especial, embora fosse oriundo da classe de Marinha.

Também na Guiné e igualmente pertencendo ao Destacamento de Fuzileiros Nº8, **José Luis Couceiro**, conforme publicação da O.A. - 1ª série, nº 24 de 16-6-65 tornar-se-ia no primeiro oficial RN a receber a ***Medalha da Cruz de Guerra de 2ª classe***.

Ainda no mesmo ano e pela Portaria de 2 de Novembro, era concedida também a

Abel de Oliveira

José Luís Couceiro

Emídio da Silva Simões

Emídio da Silva Simões, do DFE 9, a ***Medalha da Cruz de Guerra de 2ª classe***.

A Portaria que estabelece as condições em que os Oficiais da Reserva Naval podem ingressar na Classe do Serviço Especial do Quadro Permanente dos Oficiais da Armada, criada pelo Dec. Lei nº 44.738, viria a permitir o ingresso de vários RN's deste curso, neste Quadro, nomeadamente **José Tomé de Carvalho, Manuel José Corrêa de Barros, Manuel Sales Grade, António Salgado Soares** e **Augusto Teixeira Machado**, todos da classe de Fuzileiros, tendo os três últimos atingido o posto de ***Capitão de Mar e Guerra***.

Tal como se verificara nos anteriores cursos, também o 5º CEORN forneceu diversos oficiais para os navios Patrulhas, Draga Minas, Fragatas e outras Unidades, tendo permanecido durante vários anos, como instrutor no Grupo Nº1 de Escolas de Armada, em Vila Franca de Xira, **António Heitor de Sousa Santos**, que foi licenciado quando atingira já o posto de ***1º TEN RN***.

Passados que são quase trinta e sete anos desde que entraram pela primeira vez na Escola Naval, fica também para este curso a memória daqueles que serão sempre recordados com muita saudade. Em cada encontro, e à voz de chamada, a sua PRESENÇA será sempre registada.

José Pires de Lima
4º CEORN

O MUSEU DA AORN

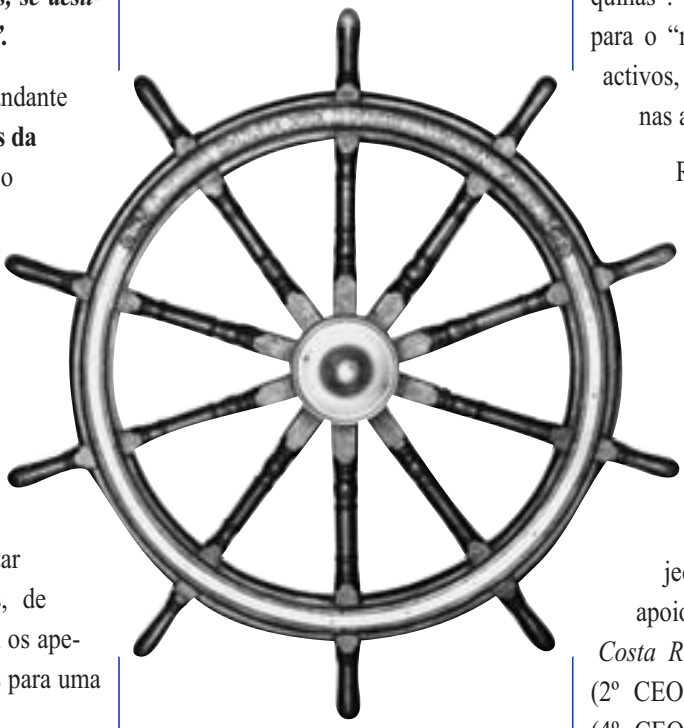
"Sem passado e sem memória, poucas organizações conseguem congregar os factores de identidade necessários ao reforço da sua motivação e coesão internas ou da afirmação da sua credibilidade e reputação externas, sobretudo quando essas organizações são orientadas por ideais e valores que, em todas as circunstâncias, se destinam ao serviço da comunidade".

Estas palavras do Comandante **Adelino Brás Rodrigues da Costa**, sócio Honorário da AORN, a págs. 171 do seu ***"Dicionário de Navios & Relação de Efemérides"***, são um bom tema de reflexão para esta página dedicada às notícias sobre o Museu da Reserva Naval.

Podemos também utilizá-las como incentivo para o despertar de apoios ainda adormecidos, de entre centenas de RN's a quem os apelos feitos não foram suficientes para uma sensibilização condizente.

Não faltará muito tempo para que seja feita a abertura pública de um espaço onde o nosso vasto espólio museológico se apresentará, em qualidade e quantidade, de forma condigna, nem nos falta a esperança de, nessa altura, assistirmos à entrega de muitas "raridades" que ainda teimam em manter-se escondidas.

Estando no nosso horizonte a criação de um Museu onde seja possível perceber-se uma História com princípio bem definido, contada com recurso a muito material fotográfico e documentos "teoricamente"



de pouco valor, fica-nos sempre a amarga sensação do desconhecimento sobre a garantia de estarmos a seguir o rumo correcto, de termos na nossa posse o material mais bem conservado, ou o que melhor retrate cada episódio, época ou cenário.

Muitas horas de pesquisa, muitos telefonemas, muita correspondência e muitos contactos directos poderiam ser evitados se, cada um por si (e referimo-nos apenas aos que já se sentem sensibilizados para dar o seu apoio), fizesse o "sacrifício" de dar um pouco mais de "força às máquinas". Não estamos a "pairar", mas para o "mau feitio" do grupo dos mais activos, a sensação é de andarmos apenas ao sabor da corrente.

Realçamos, entretanto, os nomes do Almirante *Joaquim Espadinha Galo*, do Almirante *Heitor Monteiro Montes*, da Direcção de Abastecimentos e do Almirante *Luís Mota e Silva*, Superintendente do Serviço de Material, testemunhos de uma colaboração constante da Marinha neste projecto, a quem a AORN agradece o apoio recebido e dos RN's *Helder Costa Rodrigues* e *João Pereira Gaio* (2º CEORN), de *João Bravo Queirós* (4º CEORN) e de *Jorge Vieira Teles* (20º CFORN).

Prometemos publicar os nomes de todos quantos aparecerem com informações ou material.

1º GRANDE ENCONTRO DE MÉDICOS DA RESERVA NAVAL

Com o apoio do Hospital da Marinha e, numa organização AORN, realizou-se no dia 27 de Fevereiro passado, Sábado, um encontro de médicos que pertenceram à Reserva Naval, independentemente de terem, ou não, prestado serviço na classe de Saúde Naval.

A Comisão organizadora deste encontro foi constituída pelos médicos Eduardo Augusto de Vilhena Magalhães Crespo (1959) – Lisboa, António Saturnino Sutil Roque (1960) –Lisboa, Agostinho Diogo Jorge de Almeida Santos (1965) – Coimbra, Ricardo Manuel Migães de Campos (1967) – Lisboa, António José Pinto de Almeida (1968) – Porto e Hermano dos Anjos Garcia(1985) – Lisboa.

Presentes entre outros médicos, Mário Orlando de Matos Bernardo, João Alberto de Bettencourt Dias, Luis Eduardo Canaveira Manso, José Pires Pereira, João Silva Pires, Mário Rocha de Sousa, Carlos Alberto Maia Teixeira, Frederico Aníbal Silveira Machado e Mário Gastão Rodrigues Lopes todos eles médicos RN, parte de um grupo de muitas dezenas que, entre 1958 e até 1992, passaram pelas várias Unidades da Marinha, ainda que eventualmente por curto espaço de tempo.

Honraram este evento com a sua presença o Director do Serviço de Saúde Naval, Almirante Augusto Matthioli Mateus, o Director do Hospital de Marinha – Cmg Dr. Rui Abreu, o Dr. José da Costa Rebelo, os médicos convidados, José Luis Mendonça e António Passarinho e ainda o Almirante Espadinha Galo, figura sempre presente no seu inestimável apoio à Reserva Naval.

Diversos elementos pertencentes ao corpo médico, serviços de enfermagem e auxiliares completaram uma participação plena de significado.

O vice-presidente da Direcção da AORN, Alfredo Lemos Damião fez uma curta alocução de boas-vindas a todos os presentes, formulando votos de continuidade deste tipo de acções que, revestindo-se do maior interesse profissional para os participantes, reforçam os laços já consolidados entre o Hospital da Marinha e a AORN.

Seguidamente o Prof. Mário Lopes proferiu uma comunicação subordinada ao tema "Telemedicina" enaltecendo a importância extraordinária da Internet ao serviço da Medicina.

O acesso e consulta permanente a revistas de especialidade, bibliografia "on line", conclusões de congressos e mesmo o

O Professor Mário Lopes em plena comunicação sobre "Telemedicina"

Alfredo Lemos Damião no uso da palavra, tendo à sua direita o Almirante MN Augusto Matthioli Mateus e à sua esquerda o CMG MN Dr. Rui Abreu, Director do Hospital da Marinha

Augusto Magalhães Crespo (2º CEORN), António Sutil Roque (3º CEORN) e Agostinho Almeida Santos (8º CEORN)

Um grupo de médicos em foto de família: Costa Rebelo, Silveira Machado, Rui Abreu, Matthioli Mateus, Mário Bernardo, Bettencourt Dias, Sutil Roque e Pires Pereira

A fotografia de "arquivo", representativa da larga participação no encontro

apoio ao diagnóstico e tratamento através de ligação a centros hospitalares com capacidade para tal, são métodos importantes em desenvolvimento.

A possibilidade de criação de grupos de trabalho e a utilização do *e-mail* na rápida comunicação entre médicos, são elementos importantes adicionais a aproveitar, com algumas limitações, pelo acesso universal que a Internet permite.

Foi possível aos participantes apreciarem várias obras artísticas expostas de pintura - José Luis Mendonça, escultura - António Passarinho e fotografia - Eduardo Magalhães Crespo da autoria de artistas, também eles médicos.

No final do Encontro, encerrados os trabalhos, um excelente almoço/convívio, servido a preceito, na secular Sala da Farmácia, complementou a já tradicional hospitalidade da Marinha, com recordações vividas, reencontros e o desejo de idênticas iniciativas no futuro.

Manuel Lema Santos
8º CEORN

Bettencourt Dias e Rui Abreu, Director do Hospital da Marinha

Ricardo Campos (11º CFORN), António Passarinho e Senhora, e Mário Lopes (13º CFORN)

A AORN NA INTERNET

A Internet representa hoje, como meio de comunicação, um dos mais poderosos instrumentos ao serviço da comunidade em geral.

A sua própria imagem, será necessariamente o reflexo que cada um individualmente lhe transmitir, pela sua própria utilização.

Esse poder de nos expressarmos livremente sem nos ser exigida identificação no "portaló", representa uma forma única de expressão pessoal, insubstituível, que não pode nem deve ser posta em causa por quem, com desígnios menos transparentes e em áreas mais sensíveis, substitui a navegação calma e à vista, pelo "navio corsário". A coberto dessa mesma liberdade podem atacar-se instituições, empresas ou cidadãos, cerceando a liberdade individual de cada um, pirateando, violando regras e princípios, insultando ou ofendendo, numa clara utilização da face oposta do que é suposto ser a Internet.

Para esses, a necessária legislação e o horizonte carregado de nuvens com aspecto judicial e criminal, será o boletim meteorológico anunciado.

Para nós, a convicção marcada de que, se o rumo até agora traçado terá necessariamente ajustamentos, já permitiu como exemplo, a adesão de um sócio que, por mero acaso e a navegar "com o vento", encontrou a AORN, desconhecida para ele até essa altura.

Na falta de vento suficiente para continuar a navegar "à vela", sugerimos uma remada mais vigorosa na colaboração, com o envio de sugestões que dinamizem a nossa "homepage".

www.terravista.pt/baiagatas/2176

NOTÍCIAS

A Direcção da AORN apresentou cumprimentos de Natal ao Almirante Nuno Vieira Matias, Chefe do Estado Maior da Armada.

Na Escola de Vale do Zebro, realizou-se em 20-4-99, a entrega de Comando do Corpo de Fuzileiros.

O ***CMG FZ José Luís de Almeida Viegas***, foi rendido no cargo pelo ***CMG FZ Vasco da Cunha Brasão***.

Na cerimónia, estiveram presentes muitos Oficiais Fuzileiros da Reserva Naval dos 15º e 16º CFORN, especialmente convidados e uma representação da Direcção da AORN. O Comandante Vasco Brasão pertenceu ao 11º CFORN, incorporado em 2-9-1967 e é, desde 7-5-1970, Oficial do Quadro Permanente da Armada.

CMG Vasco Brasão, CMG Almeida Viegas, Joaquim Moreira e o CMG Hernâni Rezende, Comandante da Escola de Fuzileiros

Um grupo de catorze associados reuniu-se no restaurante da FIL, em Lisboa, para preparação de um documento destinado a empresas que se disponham a colaborar com o Museu da AORN, ao abrigo da ***"lei do mecenato"***.

Foi anfitrião, o Presidente da AIP e também nosso associado, Luís Ferrero Morales.

Ricardo Campos e José Pires de Lima estiveram presentes na cerimónia da tomada de ***posse dos Corpos Sociais do Clube do Sargento da Armada*** e também nas comemorações do 24º aniversário deste Clube.

Ali nos encontrámos com alguns "veteranos" marinheiros, que sempre dedicam grande simpatia quando a AORN visita a Sede da CSA.

O ***Almirante*** **Nuno Vieira Matias**, Chefe do Estado Maior da Armada, convidou, de novo, os Corpos Sociais e um grupo de associados da AORN para um ***jantar no Forte da Giribita***, em Caxias, em que estiveram presentes diversos Almirantes e Oficiais Superiores da Marinha de Guerra.

Ernâni Rodrigues Lopes

O CEMA, Almirante Vieira Matias

Almirante Reis Rodrigues, José Luis Vilaça e Marques de Ascenção

O ambiente de simpatia gerado nesse encontro, demonstrou mais uma vez a ligação estreita entre a Marinha de Guerra e a sua Reserva Naval.

Em nome da AORN, o Presidente da Assembleia Geral, Ernâni Rodrigues Lopes, agradeceu e retribuiu as palavras de muita amizade que o Almirante CEMA dirigiu, na ocasião, à Associação.

FRAGATA D. FERNANDO II E GLÓRIA

CMG ADRIANO BEÇA GIL
Marinha de Guerra Portuguesa

O Capitão de Mar e Guerra Adriano Beça Gil nasceu em Lisboa a 8 de Fevereiro de 1941. Após terminar o Curso da Escola Naval, foi promovido a Guarda-Marinha em 1962. Entre 1962 e 1986 serviu a bordo de navios de vários tipos e classes como oficial de guarnição e com funções de Imediato e Comandante.

Em terra, o CMG Beça Gil foi destacado para Angola nas funções de imediato do destacamento nº 5 de Fuzileiros Especiais (Jul 1963 - Ago 1965); serviu como 2º Comandante do Comando da Zona Marítima do Norte (Set 1977- Set 1982) e de oficial adjunto do Capitão do Porto do Douro e de Leixões, de chefe do Estado-Maior da Flotilha de Navios-Patrulhas (Set 1982 - Set 1984). Ainda em terra, desempenhou diversas funções: Chefe de Gabinete do Almirante Comandante do CINCIBERLANT, adjunto do Ministro da Defesa Nacional para as Relações Internacionais e Adido Naval em Washington (Dez 1989 - Set 1992); de Setembro de 1994 a Setembro de 1995 desempenhou as funções de Deputy Chief of Staff, Support, no Comando da Área Ibero-Atlântica e de Setembro de 1995 a Novembro de 1997 as de Comandante da Zona Marítima do Norte e de Chefe do Departamento Marítimo do Norte.

Como comandante de unidades navais, serviu no NRP "Azevia" (Fev 1966 - Abr 1968), NRP "Almeida Carvalho" (Jun 1975 - Jun 1976) e NRP "Comte Hermenegildo Capelo" (Set 1984 - Set 1986). Actualmente é o comandante da "Fragata D. Fernando II e Glória", cargo que assumiu em 28 de Abril de 1998.

O CMG Beça Gil está qualificado com o Curso Superior Naval de Guerra (Lisboa). Frequentou o "International Senior Officers Amphibious Planning Course", California, EUA, diversos cursos no âmbito da OTAN e ainda curso de Auditores de Defesa Nacional, IDN, 1996/97.

Ao longo da sua carreira o CMG Beça Gil foi agraciado com as seguintes condecorações: uma Medalha Militar de Serviços Distintos (prata), três Medalhas de Mérito Militar, 1ª, 2ª e 3ª classe, três Medalhas de Cruz Naval - 2ª classe, duas Medalhas de Campanha - Norte de Angola, Agosto 1963 - Agosto 1965, e Moçambique, Agosto 1970 - Agosto 1972, Medalha Comemorativa do Infante D. Henrique e a de oficial da Ordem da Legião de Mérito dos EUA. Da sua folha de serviços constam ainda vários louvores individuais e colectivos.

O CMG Beça Gil é casado com Maria Teresa Beça Gil e tem 2 filhos, Pedro e João

Abril 1999

ENTREVISTA COM O COMANDANTE

Em 23.03.99 entrevistámos o Comandante Adriano Beça Gil na Fragata D. Fernando II e Glória que, gentilmente, acedeu responder às questões que lhe pusemos:

AORN - *Enquadrado na habitual perspectiva de carreira de um oficial da Marinha de Guerra Portuguesa, como encara este comando "operacional" de um navio museu, sem navegar e exclusivamente "à vela"?*

Cte.B.G. - O conceito de navio operacional pode ser um pouco mais abrangente: pressupõe estar na frente, na execução de uma acção qualquer que ela seja. Não é , no entanto, um navio militar operacional; é um navio museu que se pretende dinâmico e vivo e, nessa perspectiva, será operacional. Este critério foi definido ao nível do CEMA que decidiu nomear-me comandante do navio. É o comando de um navio que renasce numa nova fase: navegou até 1963, depois adormeceu e, no ano passado, renasceu quando foi entregue à Marinha, em 28 de Abril. Para mim é uma honra comandar um navio com interesse histórico sendo também uma importante forma de contribuir para a divulgação da História de Portugal, desde sempre associada ao mar. É um repositório vivo da nossa História, com interesse e valor mundial, está entre as 4 fragatas da mesma época (entre 1750 até à metade do século passado) e entre os 8 navios seculares ainda existentes. Foi reconhecida a qualidade do trabalho de restauro realizado quando a World Ship Trust lhe atribuiu um prémio internacional ("International Maritime Heritage Award") que foi entregue ao Sr. Presidente da Républica no passado dia 11 em cerimónia realizada a bordo.

AORN - *É segura e viável a deslocação da fragata para outros locais?*

Cte.B.G. - O trabalho de reconstrução e restauro deste navio seguiu dois princípios fundamentais: o maior rigor técnico e o rigor histórico. Naturalmente que, o rigor técnico se sobrepôs ao rigor histórico em tudo o que tem directamente a ver com a segurança. Em termos concretos, este navio foi reconstruído para poder navegar. Está em condições técnicas de o fazer mas, naturalmente, terá que ser preparado: falta-lhe uma parte do velame, as velas que temos só foram recebidas no final da Expo '98 e não houve tempo de as instalar nessa altura. Outra lacuna será a guarnição, actualmente diminuta e para funções específicas e actuais do navio; não poderá sair para o mar, no dia em que

Fotos de Fernando Russo

se queira fazer a experiência de envergar o pano, sem cerca de 140 a 150 homens, o que não é fácil de reunir.

AORN - *Nunca terá motor?*

Cte.B.G - Não tem motor nem nunca terá. Foi uma opção. O navio não está motorizado. Os únicos equipamentos técnicos são aqueles que, por imperativos de segurança, foi necessário instalar: gerador de emergência, bombas de incêncio, tratamento de esgotos, etc.

AORN - *E os instrumentos de navegação?*

Cte.B.G - Qualquer viagem que este navio venha a fazer implicará sempre trânsitos muito curtos no Continente, ao longo da costa, eventualmente para o levar e abrir ao público noutros portos como Setúbal ou Aveiro, por exemplo.

A curto ou médio prazo tal não está a ser considerado. A movimentação deste navio, que é único, tem sempre riscos acrescidos e há que ponderar se tal situação se justifica. A permanência neste local - Doca da Rocha de Conde de Óbidos - e o facto das pessoas o virem visitar fá-las ter conhecimento que existe aqui um museu. Temos tido inúmeras visitas de Escolas exteriores a Lisboa, e são cada vez mais as que estão a aparecer. O navio vai-se tornando conhecido e, pouco a pouco, vai sendo incluído em programas de visitas de Escolas que também incluem visitas ao Aquário Vasco da Gama e ao Museu de Marinha.

AORN - *Um projecto desta natureza, de que meios dispõe e como está a ser gerido?*

Cte.B.G - Esta fragata não tem orçamento. Foi entregue à Marinha que é responsável pela sua manutenção. Julgo que teremos de repensar formas futuras de obtenção de meios de financiamento para o navio: até à data, a forma mais directa e única têm sido as receitas obtidas com as visitas.

AORN - *Quantas visitas houve até hoje aproximadamente?*

Cte.B.G - Podemos considerar 2 períodos distintos: o da Expo, durante o qual as visitas não foram cobradas, em que tivémos cerca de 857 mil pessoas e o pós Expo, depois da reabertura, a 2 de Dezembro de '98, em que temos tido uma média de 2.500 visitantes por mês, com tendência para subir para 3.000 ou mais, durante este mês de Março. Não tenho dúvidas de que este número irá ainda aumentar, com a quantidade de turistas que, a partir desta altura do ano, começam a afluir para desfrutar do bom tempo e o passeio fluvial até às Docas.

AORN - *Como têm sido os comportamentos e as reacções do público?*

Cte.B.G - A Expo foi um período de grande concentração de pessoas e de muita euforia. Retive alguns comentários, que, no geral, foram sempre favoráveis com particular relevância para o "quando queremos, sabemos fazer e ainda bem que fizémos", ou "orgulho-me de ser português" ou ainda "é a nossa História que está aqui". Quanto aos estrangeiros, houve um grande elogio ao trabalho de restauro.

Não houve estragos nem roubos, apenas o desgaste normal provocado pelas pessoas que passam.

Foto de Fernando Russo

AORN - *Sucintamente, pode descrever-nos um dia a bordo desta fragata?*

Cte.B.G. - A vida deste navio no dia a dia, tem a ver com o número de visitantes: se tiver poucos, parece um dia mais morto; se tiver muitos visitantes, ganha outra vi-da. Mas a vida a bordo é muito simples: há três homens de serviço permanente e que fazem a vigilância do navio, reforçados por mais um durante o período de visitas. Há a vigilância normal à entrada, para a cobrança dos bilhetes e para orientação dos visitantes que são encaminhados por um circuito recomendado, que está sinalizado e limitado. Não há tempo limite para a visita: depende muito do tipo de visitantes e ninguém está proibido de voltar atrás, de ficar mais tempo ou de fotografar. A fragata está aberta das 10-17h, durante o Inverno, e das 10-18h, no Verão, excepto às segundas-feiras e, o preçário é o praticado no Museu de Marinha e Aquário Vasco da Gama.

AORN - *Qual o acontecimento mais relevante desde a data de lançamento do navio à água, em Aveiro?*

Cte.B.G. - O facto mais importante foi o armamento do navio em 28 de Abril de 1998, em cerimónia presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, com estatuto de unidade auxiliar de Marinha, e a nomeação de um comandante e de uma guarnição que embarcou nesse mesmo dia. Foi içada a bandeira nacional, marcando o renascimento da fragata como navio da Marinha de Guerra. É uma unidade auxiliar de Marinha, sem direito a usar "jaque". Relevante foi também o dia 30 de Abril, em que a fragata foi oficialmente visitada pelo Sr. Presidente da República.

AORN - *Qual o seu parecer quanto à actual localização da fragata?*

Cte.B.G. - Como navio único no género, deveria talvez estar situado num outro local, de maior visibilidade e interesse turístico, como a zona entre o Padrão dos Descobrimentos e a Torre de Belém, o que colocaria alguns problemas técnicos.

Todavia, uma decisão diferente envolveria, necessariamente, muitas entidades.

Este local onde agora está a fragata é sossegado e suficientemente protegido para albergar o navio, salvaguardando-o das correntes.

Foto de Fernando Russo

NOTÍCIAS

Em Évora, na Quinta de S. José do Cano, propriedade da família de ***Manuel Potes Cordovil***, reuniu-se, no dia 17 de Abril, o ***11º CFORN***.

Duas imagens da confraternização do 11º CFORN em Évora

Incorporado na Marinha em 2-9-1967, é um curso com encontros regulares, detendo as mais altas percentagens de adesões à AORN.

Neste dia, foram recordar na mais bonita cidade do Alentejo, os anos que passaram na Marinha.

Ao encontro não faltou o Presidente da Câmara de Évora, ***Abílio Dias Fernandes***, também ele um RN que pertenceu à classe de Administração Naval do 6º CEORN.

Abílio Fernandes, Presidente da Câmara de Évora, ladeado pelo 11º CFORN

Um ensopado de Borrego, melhor dizendo - "o ensopado mais bem feito do Alentejo", foi o prato apreciado por mais de quarenta convivas, entre RN's e familiares. Doces e queijos de primeiríssima qualidade, estiveram na perfeita organização com que Manuel Cordovil e sua família, receberam, da forma mais fidalga, este grupo.

Um albúm de documentos e fotografias do 11º CFORN, início de um futuro livro de curso, foi muito apreciado pelos presentes. Promessas de contribuições várias, foram registadas com testemunhas.

A ***Fragata D. Fernando II e Glória*** foi local de encontro com um grupo de patrocinadores, homenageados pela Marinha pelo seu contributo para a recuperação do Hidroavião Santa Cruz, em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral efectuaram a travessia do Atlântico.

Nesse encontro, a AORN esteve representada pelo Presidente da Direcção ***António Rodrigues Maximiano*** e por ***Ricardo Migães de Campos***.

Notícias que serão objecto de desenvolvidas reportagens no próximo número:

Nos Açores

A cerimónia da entronização dos membros da AORN que constituem o Núcleo dos Açores, realizada em Ponta Delgada, numa jornada inesquecível, com a presença de uma delegação do Continente incorporando um representante do Núcleo "Polo Norte".

A viagem a Moçambique de uma missão da AORN, liderada por Ricardo Migães de Campos e o "regresso" ao Lago Niassa.

Início do Ciclo de Conferências Nacionais, com a primeira conferência proferida no Palácio da Bolsa do Porto, por Ernâni Rodrigues Lopes e subordinada ao tema ***"Cooperação com os Países Africanos - Passado e Futuro"***.

PRÉMIO RESERVA NAVAL

ANTÓNIO BERNARDINO APOLÓNIO PITEIRA

A AORN apresentou na Escola Naval o regulamento de um prémio destinado a perpetuar a memória do nosso camarada António Piteira, único oficial RN morto em combate em África, no período de 1961 - 1975. Este prémio será atribuído ao aluno da Escola Naval que revele, ao longo do seu curso, as qualidades que se reconheciam em **António Piteira**, nomeadamente a camaradagem, a solidariedade, a simpatia e a amizade.

Relativamente a este prémio, transcreve-se o texto do projecto da AORN e da resposta do Almirante Comandante da Escola Naval.

*"Com a instituição do **Prémio Reserva Naval / Sub-Ten FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira**, a AORN - - Associação dos Oficiais da Reserva Naval quer perpetuar e honrar a memória de um dos seus maiores, um jovem oficial da Reserva Naval, morto em combate, em Angola, no ano de 1973, apontando-o como exemplo e referência aos Senhores Cadetes da Escola Naval, futuros Oficiais da Marinha de Guerra Portuguesa.*

*O **Sub-Ten FZ RN António Bernardino apolónio Piteira** reunia um conjunto de qualidades que o tornavam um ser excepcional - era generoso, altruísta e solidário, sempre disponível para ajudar, naturalmente predisposto para dar sem cuidar de compensação ou retribuição. O **Sub-Ten Piteira**, discreto e afável, era um bom camarada, era o melhor camarada.*

O Prémio Reserva Naval / Sub-Ten FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira, visa incentivar o desenvolvimento destas qualidades que são as que mais enobrecem os Homens e será atribuído ao Senhor Cadete que, no dia a dia, melhor actue as virtudes da generosidade e do altruísmo, da disponibilidade para ajudar, da solidariedade e da sã camaradagem.

O Prémio será atribuído ao melhor camarada.

O premiado será um aluno do 4º ano e será escolhido por votação, secreta e universal, de todos os alunos da Escola Naval.

O prémio é do montante de 400.000$00, será certificado em documento apropriado e entregue no final de cada ano lectivo, com o cerimonial e solenidade que a Direcção da Escola determinar".....

....."Acuso a recepção da carta de referência que agradeço e cujo espírito merece a inteira concordância e apoio da Escola Naval.

Após conversa com S. Ex.ª o Almirante CEMA, que expressou igualmente a sua concordância e apoio à iniciativa, resta à Escola e à Associação encontrarem os caminhos da prática.

Encontra-se em revisão o sistema global dos Prémios a atribuir aos alunos da Escola, pretendendo-se que as novas modalidades e regulamentos entrem em vigor em 1999, correspondendo às atribuições referentes ao ano lectivo de 1998/99, a realizar em Novembro de 1999 e Abril de 2000 (Abertura Solene e Juramento de Bandeira).

*Assim, proponho a V. Exª, que o **Prémio Reserva Naval / Sub-Ten FZ RN António Bernardino Apolónio Piteira**, cujo regulamento a propor ao Almirante CEMA se baseará no proposto por V. Exas, seja atribuído já no corrente ano lectivo e entregue, em princípio, na principal cerimónia militar anual da Unidade, o Juramento de Bandeira dos Aspirantes do 5º ano, a realizar em Abril de 2000".*

.....

Ass

Almirante Américo da Silva Santos

....

António Bernardino Apolónio Piteira, nasceu em 11 de Outubro de 1947, na Freguesia da Quinta do Jogo, no concelho de Arraiolos.

António Bernardino Apolónio Piteira

Apurado para a prestação do serviço militar, em 5 de Junho de 1967, viria a ser incorporado na Marinha, em 18 de Fevereiro de 1971, na classe de Fuzileiros do 18º CFORN.

Promovido a Aspirante em 13-10-71, chegou a Angola em 28 de Setembro do ano seguinte, com o posto de Sub-Tenente, tendo-lhe sido entregue o comando de um pelotão da Companhia Nº1 de Fuzileiros, no Destacamento de Marinha do Zambeze.

Em 2 de Junho de 1973, integrado numa coluna de viaturas que se dirigia em missão de serviço à Lumbala, perdeu a vida numa emboscada na picada entre Lumbala - Chilombo, a cerca de 10 Km desta última localidade.

É desde essa data, um símbolo e uma referência para a classe de Fuzileiros, para a Reserva Naval e para a Marinha.

Constitui motivo de compromisso da AORN evidenciá-lo com o justo destaque, no Museu da Reserva Naval que está a ser levantado desde há meses.

....

Ao ter conhecimento da iniciativa da AORN, o testemunho de **José Alfredo**

Oliveira Braga, que também fez parte da classe de Fuzileiros do 18º CFORN, revela bem a personalidade de **António Piteira**.

"Foi com profunda emoção que ao abrir a vossa correspondência vi a fotografia do meu grande Amigo Piteira. Por momentos senti-o vivo, alegre, bonacheirão, comunicativo, muito Amigo... Sempre pronto a ajudar e a colaborar mesmo nos momentos mais difíceis - que os houve.

Formámos um conjunto (não gosto de falar de grupos) onde esteve sempre presente a amizade, a tolerância, o respeito e, acima de tudo, a lealdade. O Piteira (o Piteirinha como sempre o tratávamos) era de pequena estatura mas tinha um coração e uma força interior enormes, que a todos contagiava.

Recordo-o com muita saudade. No meu silêncio espiritual tento sempre nunca esquecê-lo. Ele tudo merecia e merece.

Piteira com um grupo de cadetes do 18º CFORN na Viagem de Instrução (Madeira)

É neste contexto, que acolhi agradavelmente a iniciativa da nossa Associação pelo que, de imediato, procurei referências do meu inesquecível Amigo, que relembro através de duas fotografias que envio e ofereço, de forma a destacá-lo no Museu da Reserva Naval.

Só os simples merecem esta homenagem. Eu não podia manter-me insensível ao vosso pedido.

Espero que o meu pequeno contributo valorize e reviva o **Homem *António Bernardino Apolónio Piteira***.

Que o Museu também encarne e eternize a sua Alma.

ASSEMBLEIA GERAL DA AORN

Realizou-se no passado dia 27 de Março, a Assembleia Geral ordinária da AORN.

Por especial deferência do seu Director, a mesma decorreu no auditório do Instituto Superior Naval de Guerra, seguida de um almoço, com cento e cinco presenças.

Ao ***Almirante*** **Carlos de Magalhães Queiroz**, os nossos agradecimentos pela forma como nos recebeu, pela organização que colocou à disposição da AORN e pelo acompanhamento, de extrema simpatia, que nos foi prestado pelo ***Comandante*** **António Pereira Gonçalves** ao longo de todo o dia.

Impecável, como sempre, o serviço e a boa vontade de todo o pessoal do ISNG.

Realçamos também as presenças do ***Almirante*** **Joaquim Espadinha Galo** e do ***Comandante*** **Abel Campos de Oliveira** que, acedendo ao nosso convite, nos proporcionaram o prazer de um convívio muito agradável, simbolizando a sua presença todo o apoio que ao longo do ano a AORN tem recebido dos Oficiais da Armada.

O Relatório e Contas respeitante ao exercício de 1998, não tendo suscitado dúvidas, foram aprovados.

Estes documentos, distribuídos na altura aos presentes, estão à disposição de quem os desejar adquirir, focando-se no Relatório todas as actividades e iniciativas da AORN, bem assim os projectos de curto e médio prazo, razão porque neste artigo nos dispensamos de os relatar.

Da Ordem dos trabalhos constava a discussão e votação de uma alteração dos

Ernâni Rodrigues Lopes presidindo à Mesa da Assembleia Geral

António Rodrigues Maximiano oferecendo a Cresta da AORN ao ISNG, recebida pelo Cte Pereira Gonçalves

Animado convívio

Cavalleri Martinho (1º CEORN) com o Almirante Espadinha Galo

Pedro Pina Ribeiro e Armando Peres (3º CEORN)

O 11º CFORN com Miranda da Rocha, Duque de Morais e Campos Teixeira

Estatutos da Associação, nomeadamente o seu artigo 5º, permitindo alargar a admissão de sócios a entidades não oriundas da Reserva Naval.

Convém salientar que esta eventual alteração não é absolutamente pacífica, não por ausência de razões que a justifiquem, pelo menos na óptica de quem mais de perto conhece o dia a dia da AORN, mas especialmente por poder "desvirtuar", nos menos bem informados, a chamada "pureza" de uma Associação que foi criada para projectar, em várias vertentes, o espírito daqueles que ao longo de várias décadas prestaram serviço na Reserva Naval da Marinha de Guerra Portuguesa.

Estamos crentes que reside na falta de informação detalhada do interesse em alargar o campo de aderentes à AORN, o facto de existir discordância - saudável discordância em nossa opinião, e que a relutância em "desvirtuar" a origem dos seus sócios terá, quando devidamente analisada e ponderada, uma generalizada compreensão e aceitação.

Sensatamente, a Assembleia decidiu, como soberana que é, alterar o ponto da agenda, limitando-se a iniciar um debate sobre o tema, mas anulando a obrigatoriedade de uma votação considerada não urgente.

Veiga de Macedo, Marques Fernandes, Alcino Carvalho e Mendes Godinho todos do 12º CFORN

Silveira Machado (8º CEORN) e Ricardo Campos (11º CFORN)

Fortunato Abrantes e Serafim Machado (15º CFORN)

João Lestro e João Belchior (39º CFORN)

João Estarreja (3º CEORN) entre os irmãos Andrade Neves (2º e 1º CEORN)

Pires de Lima, durante a sua intervenção

Este relato sobre a Assembleia Geral do dia 27 de Março, não deverá ser mais do que uma simples descrição dos factos passados. Não se pretende emitir, nem defender, qualquer opinião relativa a este tema. No local próprio, com argumentos bem sustentados, certamente que muitos dirão de sua justiça, ajudando a esclarecer e apresentando argumentos que poderão levar alguns a mudar de opinião e outros a reforçarem a que já têm.

O pedido que foi feito pelo Presidente da Direcção, no sentido de serem enviadas sugestões para a AORN sobre este assunto, através de correio, via Internet ou por outro qualquer meio, certamente será aproveitado por muitos, facilitando o conhecimento das várias opiniões que a própria Direcção prometeu tratar informaticamente.

Entretanto e quando este número da Revista chegar a cada um, já será conhecida a data da Assembleia Geral Extraordinária convocada para 3 de Julho próximo, para o debate sobre a alteração do artigo 5º dos Estatutos da AORN.

Gostaríamos que todos, quantos se pronunciaram em 27 de Março passado pelo adiamento de uma votação, por ausência de informação para o poderem fazer conscientemente, no próximo encontro ajudem a esclarecer os que, ainda dessa vez e eventualmente por falta de tempo, não tenham podido aprofundar o tema.

Panorâmica geral da assistência na Assembleia Geral

ANGOLA 65/67 - III

Entre Agosto e Outubro de 1996 estou no posto do Tridente com o meu grupo de combate. O Tridente era o posto de fuzileiros mais a montante no rio Zaire e ficava relativamente perto de Noqui, junto à confluência do rio Lué Pequeno, afluente do Zaire. Cerca de 15 minutos de bote e bebia-se uma cerveja fresca com os camaradas do exército que ali estavam estacionados.

Noqui fica a Este do Tridente, numa curva do rio Zaire (que naquele ponto tem uma largura aproximadamente igual à do rio Tejo entre Belém e a Trafaria) na base de uma grande barroca. No cimo da barroca e a cerca de 10 kms. para o interior ficava uma pista de terra batida de que se serviam pequenos aviões militares que asseguravam ligações regulares com o Negage e Luanda.

A fronteira terrestre de Angola com o Congo era muito próxima de Noqui e pelo rio Zaire diariamente passavam vários cargueiros de 20.000 tons. e mais que se dirigiam ao porto de Matadi, já na Républica do Congo.

A nossa missão tinha um duplo objectivo: por um lado impedir a infiltração do IN pela via fluvial do Congo para Angola e por outro patrulhar intensamente o interior com vista à detecção e eliminação do IN.

Os que andavam por lá nesse tempo, eram os FNLA e os MPLA que não necessitavam do rio para nada, pois as ligações deles com o Congo, onde havia bases importantes, fazia-se atravessando pacatamente a fronteira terrestre fora de horas e em locais onde a tropa portuguesa não andava.

Durante todo o tempo que lá estive não tivemos qualquer acção de confrontação com o IN. Patrulhámos muito, nomadizámos muito também e aproveitámos para caçar, mas nunca vimos ninguém.

O terreno era dobrado, com capim alto, com várzeas nos vales, arvoredo muito concentrado por manchas e nunca encontrámos povoações ou pessoas.

Aparentemente, dizia-se, tinham fugido para o Congo nos inícios da Guerra em 61/62.

Os horizontes eram largos e imensos e toda a região tinha uma beleza particular.

Naquele lugar, aparentemente pacato, convivi de perto com duas situações bem diferentes uma da outra, mas bem reveladoras de aspectos da "nossa" guerra em Angola.

A primeira passou-se dias antes da minha chegada ao Tridente e dos meus contactos com Noqui.

Noqui era um lugar profundamente deprimente, com uma barroca por trás, um rio pela frente e calor, muito calor o tempo todo. Um dos oficiais milicianos da Companhia do Exército que lá estava estacionada, contava os dias que faltavam para terminar a comissão pela contagem dos cigarros que iria ainda fumar até lá. Para o efeito tinha tracejado numa imensa folha de papel os cigarros que iria fumar até ao fim da Comissão, à razão de 20 por dia. Cada noite, antes de se deitar, riscava na parede os cigarros que tinha fumado nesse dia e escrevia os que ainda estavam por fumar.

Esta maneira de matar o tempo dá ideia do ambiente que lá se vivia.

Além de uma ou outra patrulha no interior, os jogos de cartas só eram interrompidos pelas viaturas que, duas vezes por semana, iam à pista de aterragem esperar o pequeno avião que trazia correio de Luanda.

Quase tudo o que tenho lido sobre a guerra de África, sobretudo artigos de toda a

... pelo rio Zaire diariamente passavam vários cargueiros de 20.000 tons. e mais...

Posto do Tridente

espécie, fazem gala em contar os horrores permanentes em que os nossos militares viviam. Acho que nunca vi nada escrito sobre o ócio das guarnições que, na filosofia adoptada de quadrícula, estavam espalhadas por lugares onde pouco ou nada tinham para fazer, além de estarem lá.

Noqui era um desses lugares. Não o era por ser terreno completamente seguro (como já verão de seguida) mas sim por que o IN e a tropa tinham o cuidado de se evitarem mutuamente e ninguém tomava grandes iniciativas.

Nestas circunstâncias era normalmente muito difícil manter um rigor mínimo de horários, fardamentos, actividades, higiene e, sobretudo, de disciplina e prontidão militar.

Quando a tudo isto se juntava um clima depressivo e neurótico dos oficiais, a situação descambava numa bandalheira por vezes aviltante, grosseira e, sobretudo, perigosa. Porque afinal, apesar da relativa pacatez do local ele não era propriamente uma colónia de férias forçadas e o IN, apesar de invisível, andava por lá.

A bandalheira de Nóqui teve consequências trágicas.

No início o grupo que ia esperar o avião do correio era composto por uma GMC, 2 Unimogs e 2 ou 3 jeeps. O pessoal ainda tinha medo, ia fardado, armado e municiado. O esquema de segurança era bem montado, alguém levava a Bazooka, outro a MG 42 e com toda a parafernália lá faziam os 10 ou 15 kms. em picada no meio do capim até à pista onde o avião aterrava em segurança, largava e levava o correio, doentes, homens que iam de férias, outros que voltavam, etc.

Duas vezes por semana, meses a fio.

Patrulhas rotineiras, muita cerveja, bisca lambida, sueca e uma grande neura ocupavam o resto do tempo.

Aos poucos e poucos foi-se facilitando. A GMC já não era precisa. Um dos Unimog também não. O terreno é conhecido, é tudo boa gente, não passa nada.

A coluna, inicialmente com 40 homens, vai-se reduzindo. Não vale a pena ir tanta gente. E para quê a Bazooka? E a MG 42 que é pesadíssima? E a farda que é quente e as munições que são desnecessárias?

Vista geral de Nóqui

Fuzileiros em acção

Se aparecer uma pacaça meia dúzia de tiros resolvem o problema e sempre se traz carne fresca.

No climax da bandalheira já só vai uma Mercedes com meia dúzia de homens em t-shirts, calções, descalços e 1 ou 2 G3. Os que vão são os que têm mais pressa em ler o correio deles. O cozinheiro também vai. E por graça, por que não leva ele a Bazooka desta vez? Vamos embora que se faz tarde e o avião está aí a chegar. O avião chega. Deixa umas cartas e leva outras. Bebem-se umas cervejas juntos, dão-se uns abraços e daqui a 3 dias cá estaremos todos outra vez. O avião parte e aquela tropa fandanga regressa a Noqui.

Só que desta vez o IN está no percurso. Teve meses para observar e estudar a evolução do comportamento daqueles homens. A bandalheira progressiva que se instalou naquela unidade e a total falta de segurança com que se movimentavam.

E então dá-se a emboscada. Bem planeada, cuidadosamente preparada, rigorosamente executada. Dos 12 homens morreram 11, incluindo o cozinheiro da Bazooka.

O que se salvou, escondeu-se no capim durante horas, antes de poder ir levar a triste notícia ao quartel de Nóqui.

Esta história acabou como os tais relatos e artigos de que atrás falava. Mas por exclusiva responsabilidade dos seus protagonistas e, especialmente, dos oficiais cujo comportamento irresponsável conduziu a que aquela simples rotina terminasse em mortes desnecessárias e inúteis.

Em várias circunstâncias que acompanhei de perto, as tragédias eram muitas vezes resultado da ligeireza e inconsciência com que algumas unidades se comportavam. Fazem lembrar um pouco aqueles suicidas das motos que gostam de andar na contramão na Estrada Marginal e, quando as coisas correm mal, queixam-se de tudo, menos deles próprios.

A outra história de Nóqui fica a próxima vez.

Vasco Pessanha
FZE - 7º CEORN

MEDICINA HIPERBÁRICA

A Medicina Hiperbárica na Marinha tem já uma história longa de quase meio século. De facto, desde os tratamentos iniciais efectuados na primeira câmara hiperbárica existente em Portugal e colocada na Escola de Mergulhadores - Esquadrilha de Submarinos, até à mais recente e instalada em meio hospitalar no Hospital de Marinha em 1989, muito tem sido feito nesta área da medicina, sempre, com as portas abertas ao meio civil.

Em Janeiro 92, é implementado um Serviço de Urgência Hiperbárica no Hospital de Marinha, permitindo a cobertura 24/24 horas, 365 dias ao ano, e a nova câmara é incluida na listagem de câmaras hiperbáricas da Sociedade Europeia de Medicina Hiperbárica e da Undersea & Hyperbaric Medical Society. Em 1 de Setembro de 1994 é publicado em Diário da Républica o decreto regulamentar 37/94, onde figura o Centro de Medicina Hiperbárica como serviço autónomo no âmbito dos Serviços de Urgência e apoio Médico do Hospital de Marinha, que faz parte da listagem NATOADIVP-2 (Allied Guide To Diving Medical Disorders), como elemento de referência nacional a nível de "National authorities for initiating treatment of diving casualties".

Mas, em que consiste a oxigenoterapia hiperbárica, que objectivos terapêuticos pretende atingir e em que mecanismos de acção se baseia?

O uso do OHB pode ser considerado como uma moderna atitude terapêutica baseada em tecnologia antiga, na qual o doente respira oxigénio puro por períodos intermitentes em ambiente hiperbárico, ou seja numa câmara pressurizada a pressão superior à atmosférica (1ATA).

O combate à hipóxia tecidular constitui objectivo primordial desta terapêutica, através de dois mecanismos fundamentais; o primeiro aproveitando o efeito mecânico do aumento da pressão exercido sobre as bolhas gasosas com consequente redução do seu volume de acordo com a Lei de Boyle Mariotte (Pressão x Volume = Constante), muito útil no tratamento dos acidentes de mergulho como a doença de descompressão e a embolia gasosa; o segundo, mais importante, que aproveita o aumento da pressão parcial do oxigénio e a sua solubilidade para obter altos níveis de concentração de gás dissolvido, de acordo com a Lei de Henry (Concentração de gás dissolvido = Pressão x Coeficiente de Solubilidade).

Em 1961, o Professor *BOEREMA* demonstrou a possibilidade de manter a vida de animais, apenas com soro em circulação (sem sangue), e submetendo-os a ambiente hiperbárico de forma a beneficiar da enorme quantidade de oxigénio dissolvido. A capacidade de obter elevadas concentrações de oxigénio dissolvido no plasma, independente da capacidade transportadora da hemoglobina, constitui em essências a grande arma terapêutica do OHB.

Os principais mecanismos de acção baseiam-se portanto, na compressão mecânica das bolhas gasosas, no aumento de O2 dissolvido no plasma e subsequente oferta aos tecidos isquémicos, aumento da neovascularização em áreas isquémicas, acção bactericida e bacteriostática, aumento da capacidade fagocitária dos leucocitos e estimulação da síntese do colagénio pelos fibroblastos facilitando a cicatrização. Envolve leucocitos, fibrocitos, osteocitos e células neuronais, recuperando funções celulares dependentes da oferta em oxigénio, e viabiliza tecidos, orgãos e funções que estariam irremediavelmente perdidos a manter-se o sofrimento isquémico.

Aspecto do interior da câmara hiperbárica

Vista parcial do Centro de Medicina Hiperbárica

Comporta-se portanto como um fármaco, com as suas possibilidades terapêuticas, acções secundárias, efeitos tóxicos e contraindicações que importa conhecer em profundidade, e que implica adequada formação especializada dos meios humanos envolvidos nesta actividade.

A actividade clínica tem vindo a crescer de forma constante, tendo sido tratados cerca de seis centenas de doentes com situações sérias, referenciados por mais de trinta hospitais centrais e distritais, e que justificaram a realização de mais de 18.000 sessões terapêuticas individuais.

Constata-se um maior conhecimento e interesse da classe médica, pessoal de saúde em geral e população, relativamente à medicina hiperbárica e C.M.H., pelo que é previsível a manutenção da linha crescente da actividade clínica.

Sem dúvida que a realização das 1ªs Jornadas de Medicina Hiperbárica do Hos pital de Marinha realizadas em Outubro de 97 e integradas na comemoração do Bicentenário do nosso Hospital, em que participaram individualidades nacionais e internacionais de elevado nível técnico e científico terá contribuído para este crescimento, superior aos 40% em 1998.

A equipa do C.M.H. do Hospital da Marinha

O entusiasmo da equipa de trabalho no C.M.H., é elevado, tocando de igual forma o pessoal mergulhador e de saúde.

As grandes linhas de desenvolvimento passam pela definição de competência específica em medicina hiperbárica na Ordem dos Médicos, implementação de técnicas especializadas com aprofundamento da investigação clínica, aquisição de uma segunda câmara e por último pela possibilidade de colaborar no ensino universitário e formação pós graduada.

Podemos afirmar, sem exagero, que o C.M.H. constitui na actualidade, serviço com carácter nacional, único, oferecendo serviços clínicos insubstituiveis, pelo que é merecedor de cuidados e atenção adequados às especificidades funcionais que engloba.

Armando Silva Roque
CTEN MN (ex RN-1982)

ALIMENTO PARA O ESPÍRITO

Carlos Alberto Maia Teixeira, é médico, pertenceu à classe de Fuzileiros do 20º CFORN, é fotógrafo e, de entre muitas outras coisas é dotado de uma sensibilidade poética a que não terá sido alheia a nostalgia sentida desde o tempo em que, por terras de Angola se tornou, como muitos outros, também angolano.

O seu livro "OS NAVEGANTES DA MEMÓRIA", que veio agora enriquecer a Biblioteca da AORN, é uma obra notável que deve ser lida com a atenção e o respeito que merecem os trabalhos feitos com Alma.

Aqui se transcreve o poema a Miguel Torga - ADEUS, POETA!

"Tu, que hoje deixas a mortalidade
e entras no restrito dos eleitos,
onde só pesa a rara qualidade
do dever acima de todos os defeitos!

Tu, a quem falamos de modo aberto
para além da circunstância da viagem,
foste a sombra virgem no deserto
e norte em direcção à outra margem!

Tu, que entras em nós pelo brio
ensinando os caminhos à filha serra,
fecundas os vales em gestos de equilíbrio
tratando das feridas da Mãe-Terra!

Tu, que do frágil fizeste o sonho
de ver a pedra bruta do lugar,
soprando o vento agreste de risonho,
na vela, a todo o pano, a navegar!

Tu, canto desconhecido onde caber,
profeta da mensagem prometida,
surdo-mudo e cego de as saber
caídas, uma a uma, nesta vida...

Tu, instante tão distante do momento,
Incómodo, Íntangivel,... o Escolhido!
Ninho que embala a fé do pensamento
e nas palavras vincadas o mais ferido!

Tu, das pessoas sempre diferentes
e delas carente em sublimes rituais;
queimando torgas a construir gente,
mais que deuses, as quiseste a ti - iguais!!!

Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

Na pesquisa histórica uma presença permanente

BAZAR DA

Cresta da AORN
Esc.: 3.000$00

"Pin" da AORN
em prata ***Esc.: 850$00***

Serigrafia comemorativa da fundação da AORN
Esc.: 20.000$00

Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1996
Esc.: 2.500$00

Vinho engarrafado
especialmente para a
AORN - 1 garrafa
Esc.: 1.000$00

Anuário da
Reserva Naval
Esc.: 2.000$00

Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1997
Esc.: 3.000$00

Fragata "D. Fernando II e Glória"

(1843)

A Fragata "D.Fernando II e Glória" foi construída em Damão, Índia Portuguesa e lançada à água em 22 de Outubro de 1843.

O navio estava preparado para receber 60 bocas de fogo e a sua guarnição variava entre 145 e 379 homens. Em algumas viagens chegou a transportar mais de 600 pessoas, entre guarnição e passageiros.

Durante 33 anos fez a ligação entre Portugal e os territórios portugueses da Índia, cumpriu missões ao longo da Costa de Moçambique e teve um papel importante como navio-chefe de uma força naval que recuperou o Ambriz, em Angola. Durante este período navegou mais de 100.000 milhas náuticas, correspondentes a cinco voltas ao Mundo.

Em 1889, a "D. Fernando" sofreu profundas alterações para melhor servir como Escola de Artilharia Naval e, em 1945, iniciou uma nova fase da sua vida como sede da Obra Social da Fragata D. Fernando, criada para recolher rapazes de fracos recursos económicos que ali recebiam Instrução Escolar e Treino de Marinharia.

Em 1963, um violento incêndio destruiu o navio em grande parte, tendo permanecido encalhado no rio Tejo até 1992, data em que foi reposto a flutuar, removido e posteriormente transportado para o estaleiro Ria Marine em Aveiro.

A Marinha conduziu todo o projecto de restauro do navio, coordenado por uma Comissão nomeada para o efeito, com o apoio de diversos peritos e colaboradores e com a gestão e responsabilidade Técnica do Arsenal do Alfeite. O projecto contou ainda com o apoio financeiro do Governo, através da Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses e da generosidade de muitos mecenas.

Restaurada tal como era na década de 1850, a "D. Fernando" é actualmente um navio museu, sendo hoje possível aos visitantes aperceberem-se com grande fidelidade como era a vida a bordo de uma fragata do século XIX.

A última fragata exclusivamente à vela da Marinha Portuguesa é hoje testemunha eloquente da nossa brilhante história marítima, orgulho de muitas gerações e um exemplo de determinação e coragem para as gerações vindouras.

Fotos de Fernando Russo

Características

Comprimento fora a fora	86,75 m
Boca no convés	12,80 m
Pontal na tolda	9,27 m
Imersão a vante	5,79 m
Imersão a ré	6,40 m
Altura do centro vélico acima da flutuação	19,42 m
Superfície do velame	2052 m^2
Superfície da secção mestra mergulhada	51,78 m^2
Tonelagem	1849,16 Ton.

Fundo forrado a cobre

Texto da edição do Estado-Maior da Armada